

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

PEDAGOGIA DE SÍNTESE

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



PEDAGOGIA DE SÍNTESE

1. Aproximação de uma Pedagogia de Síntese

Todo o sistema educativo que conhecemos é uma “galáxia de particularidades” ¹.



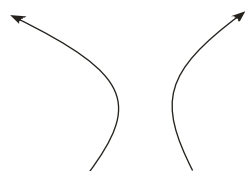
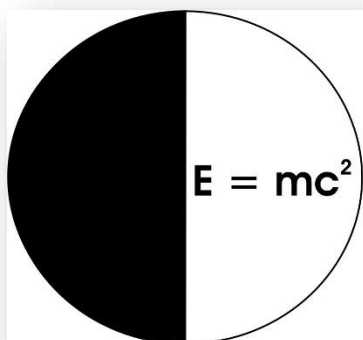
Existem a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Engenharia, a Faculdade de Educação; existem a ciência, a arte, a mística; existem o trabalho da inteligência e o trabalho das mãos..., todos “fragmentos de uma unidade perdida”.

Foi perdido o “vínculo” das partes com o Todo. Temos o conhecimento das partes, mas perdemos a visão do Todo.

Devido a esta fragmentação e a esta perda da unidade, a cultura atual se encontra ante uma barreira difícil de cruzar.



A ciência que possuímos só nos dá a “metade da fórmula”.



Conhecemos as leis do cosmos, mas nos faltam as leis do homem. Porém, o que é mais grave, o caminho do conhecimento se separa do caminho da vida.

Esta crise de fragmentação do conhecimento não é só uma questão de interesse teórico, acadêmico, epistemológico, senão que rompe a unidade do ser humano, distorce o comportamento e põe em perigo o desenvolvimento evolutivo da vida.

Qual é a resposta a este desafio?

As respostas que hoje são dadas são parciais, unilaterais, algumas delas úteis para fins práticos (sobretudo as respostas tecnológicas), mas a maioria insuficientes para preencher o sentido da existência. O homem “logotécnico”, capaz de pôr seu pé em planetas longínquos, não resolve os graves problemas da fome, do desemprego e da degradação da vida que hoje vemos aflorar com lancinante crueza.

A resposta a esta crise de fragmentação já não vem dos frutos da árvore do conhecimento, mas da seiva que circula pela árvore da vida. Já não vem da integração da ciência, e sim da unidade do homem. Um novo estado de consciência desponta no horizonte do porvir.

Chamamos de “pedagogia de síntese”, a configuração de arte-ciência-e-técnica que emerge deste novo estado de consciência.

2. Barreira semântica

Para passar de uma pedagogia de fragmentação a uma pedagogia de síntese, é necessária uma nova linguagem. Para além da linguagem conceitual, emerge hoje uma linguagem “vibratória”, energético/simbólica, uma “hologramática” da vida. E é dentro desta hologramática que temos que fazer uma revalorização semântica da palavra “síntese”. A palavra “síntese” é equívoca como conceito, mas fecunda como símbolo. Como conceito, é um momento da dialética e pressupõe a composição de um todo, pela soma das partes. Porém, como símbolo, toda síntese é uma operação que se efetua de um só golpe, acede ao todo de forma imediata, sem passar pela soma ou composição das partes.

Como se adquire esta nova linguagem? Como todas as linguagens, por ressonância de similitude! Já não se trata de uma linguagem técnica, de novos

métodos pedagógicos, mas da própria “vida” do professor, que opera como agente catalítico de transformação no processo co-evolutivo de criatividade.

Não se trata de ensinar a síntese, mas de **ser** a síntese.

A nova linguagem não se ensina. Flui espontaneamente como expansão de consciência e liberação de energia, quando se dão condições de criatividade na relação professor/discípulo.

Porém, quem são os novos professores?

3. Convocatória do saber

Qual é a força chamada a dirigir o processo de desenvolvimento da consciência planetária do terceiro milênio? A Igreja? A escola? Os sindicatos? O proletariado? A Universidade das Nações Unidas?

A nova mensagem não vem das academias, vem do deserto. Vem da experiência limite de milhões de homem e mulheres que hoje cruzam o deserto da civilização moderna. Muitos ficam pelo caminho, mas alguns voltam com um novo estado de consciência. São os que cruzaram a barreira de sua própria sombra. São os mestres do futuro. É preciso ir buscá-los!

A Universidade pode fazer um “chamado”, uma convocatória em escala planetária, re-unindo em seu próprio seio uma “massa crítica” de sabedoria/amor que, por reação de similitude em cadeia, desperte a consciência expansiva das novas gerações de estudantes. Não se trata de erudição, nem de experts, nem de futuristas. Trata-se, simplesmente, de seres humanos que experimentaram em si mesmos o gozo iluminativo da força criadora e transmitem essa energia/consciência por participação de vida.

Hoje em dia, o “magistério” entrou em crise porque o professor foi substituído pela técnica (pelo psicopedagogo, pelo psicólogo, pelo psicoterapeuta, pelo expert). O professor deve voltar a ser “professor”, sem acréscimos, não para ensinar determinadas técnicas de aprendizagem (para isso estão os técnicos), mas para transmitir os valores que dão base à vida total do ser humano. Não para repetir a informação armazenada na árvore do conhecimento (bancos de dados), mas para fazerem-se, eles mesmos, canais “fisiológicos” por onde circule a seiva nutriente da árvore da vida (nova Aliança).

Este potencial generativo do ser profundo foi esquecido pelos técnicos, experts e doutores. Valor qualitativo que, ao não ser integrado em suas equações matemáticas, deu origem a uma cultura racional separada da vida. Por isso, dizemos que a ciência atual só nos dá a “metade da fórmula”.

O “Magistério” não se define por hierarquias curriculares, mas por funções cósmicas humanizadas. Trata-se de hierarquias do espírito, unidas ao conhecimento-e-a vida.

São os professores e não os técnicos os que devem ocupar o “Centro” da Universidade de Síntese².

Em meu modo de ver, não tem muita importância que o professor do futuro seja muito “ilustrado”. Talvez seria melhor que não o fosse (a “ilustração” agora foi transferida aos computadores).

A função específica do professor é transmitir às novas gerações os valores/substância indispensáveis para o desenvolvimento da consciência, imponderáveis energ-éticos que operam por simples “presença” catalítica nos processos co-evolutivos da vida humana, ingredientes “logoquímicos” (ultraelementos) que foram perdidos em nossa civilização materialista e técnica, e cuja perda conduz às graves doenças sociais das quais hoje padecemos por “queda entrópica” (degradação da matéria humana, por perda de luz).

4. Os novos instrumentos

O que é preciso ensinar?

O que está em jogo para o futuro não é um novo conhecimento, mas uma nova ferramenta. Não se trata de um novo sistema, mas de um novo “órgão”. Trânsito da informação à “visão”. Da metafísica à “metafisiologia”.

O “Todo” (a unidade da Obra) é aqui **antes** que as “partes”, mas as partes adquirem plenitude de sentido em função do Todo: “Holograma humano”.

Para além do investigador solitário e das equipes técnicas interdisciplinares, o “holograma humano” se antecipa como instrumento transdisciplinar de investigação. À semelhança do holograma técnico, o holograma humano mostra uma nova dimensão da realidade: por “ressonância” entre a visão profética e o pensamento científico (configuração de funções diferenciais).

Trata-se de um “novo método”, por interação “coerente” entre seres humanos. Já não há aqui divisão entre o conhecedor e o conhecido, nem entre o produtor e o produto, senão que o próprio experimentador se constitui a si mesmo como “matéria” da obra.

Ingressamos aqui em uma nova dimensão da criatividade por implosão do conhecimento, liberação de energia e expansão de consciência.

Boa parte do vazio existencial de que hoje padecemos se deve a que o homem contemporâneo perdeu o “poder apolíneo de criatividade”, em aras da sensualidade dionisíaca da sociedade de consumo e da vontade prometeica das tecnologias transcendentais. O professor Ubiratam d’Ambrosio, em sua proposição ao Colóquio de Veneza, organizado pela UNESCO (março de 1986), e publicado no “Report final”, sob o título “Reflexões sobre o modo de pensar ocidental e sobre a ciência e a educação”, pôs em relevo a importância de instrumentar novos métodos educativos para liberar essa energia potencial do ser humano, se se quiser realmente pôr em movimento a civilização planetária do terceiro milênio³.

Quando falamos, então, de Universidade de Síntese e de centros de síntese não nos estamos referindo só a centros de “conhecimento” mas, e sobretudo, a “centrais de energia”, de uma nova forma de energia. Da energia atômica passamos à energia/consciência humana. Hoje, não padecemos por escassez de conhecimento. As universidades e os centros de investigação são fábricas que produzem abundante material de conhecimento, mas faz falta o “combustível humano” indispensável (energia/consciência) para transformar essa “matéria” do conhecimento em expansão de consciência. O “núcleo” do reator atômico da Universidade de Síntese é uma “massa crítica humana” capaz de liberar uma energia inicial que opera como chispa de incêndio dos circuitos secundários do sistema de educação permanente.

5. A Universidade de América

Em algum lugar da América, mais cedo ou mais tarde, teremos que começar tudo de novo.

Por que América?

Porque para equilibrar o polo expansivo da sociedade técnica (que hoje podemos simbolizar na Universidade das Nações Unidas em Tóquio, Japão) precisamos fundar um “polo humano”, em algum lugar onde se dê uma conjunção adequada entre a “alma dos povos” e as “forças telúricas da Terra”. Esse lugar privilegiado é a “América profunda” (em termos de Rodolfo Kusch), essa terra ainda não explorada do “Homem que olha para o sudeste” (no filme de Subiela), essa parcela da geografia sagrada do planeta que guarda em seu seio a reserva mística de antigos mistérios e que pode ser polo de iniciação espiritual para as novas gerações de estudantes.

Entre o polo técnico do conhecimento e o polo místico do saber se dá hoje uma peregrinação invisível, uma “longa caminhada” da humanidade em

busca da unidade perdida, um novo “Caminho de Santiago” que delineia com linhas magnéticas sobre a Terra, a trajetória numinosa das estrelas.

Para “fundar” o polo de síntese, já não podemos contar demasiado com os acadêmicos e os experts. Eles foram demasiado longe na fragmentação do conhecimento, sem medir as consequências na ordem do ser-e-da vida. Nós, a partir da “América profunda”, devemos ensinar ao mundo angustiado e expectante de hoje o caminho da liberdade interior, através da harmonia de valores materiais e espirituais. Como diz Francisco José Figuerola em seus “Escritos Políticos”: “Podemos oferecer ao mundo uma solução essencialmente nova, ainda que paradoxalmente antiga, a nova síntese do ideal com o real, o novo homem do século XXI”⁴.

Referências bibliográficas

¹ Muñoz Soler, Ramón P. “Magisterio Universitario y Pedagogía de Síntesis”, Ed. Depalma, Buenos Aires, 1985

² Muñoz Soler, Ramón P. “Universidad de Síntesis”, Ed. Depalma, Buenos Aires, 1984.

³ D’Ambrosio, Ubiratan “Réflexions sur le mode de pensée occidental et sur la science et l’éducation”, UNESCO: “Colloque de Venise”, Rapport finale.

⁴ Figuerola, Francisco José “Escritos Políticos”, Plus Ultra, Buenos Aires, 1974.